

**INSTITUTO METROPOLITANO DE ENSINO SUPERIOR
UNIÃO EDUCACIONAL DO VALE DO AÇO**

Helena Vasconcelos Nunes de Carvalho

Luisa Marçal de Paula

Natália Alves Lima Mendes Assis

Thais Carreiro de Moraes

**PERFIL DA AUTOMEDICAÇÃO DOS IDOSOS DO
MOVIMENTO DA TERCEIRA IDADE NO MUNICÍPIO DE
IPATINGA – MINAS GERAIS**

IPATINGA

2017

Helena Vasconcelos Nunes de Carvalho

Luisa Marçal de Paula

Natália Alves Lima Mendes Assis

Thais Carreiro de Moraes

**PERFIL DA AUTOMEDICAÇÃO DOS IDOSOS DO
MOVIMENTO DA TERCEIRA IDADE NO MUNICÍPIO DE
IPATINGA – MINAS GERAIS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto Metropolitano de Ensino Superior – IMES/Univaço, como requisito parcial à graduação no curso de Medicina.

Orientadora: Profª Drª Patrícia Gonçalves da Motta
Coorientadora: Profª Drª Analina Furtado Valadão

IPATINGA

2017

PERFIL DA AUTOMEDICAÇÃO DOS IDOSOS DO MOVIMENTO DA TERCEIRA IDADE NO MUNICÍPIO DE IPATINGA – MINAS GERAIS

Helena Vasconcelos Nunes de Carvalho¹; Luisa Marçal de Paula¹; Natália Alves Lima Mendes Assis¹; Thais Carreiro de Moraes¹; Analina Furtado Valadão² & Patrícia Gonçalves da Motta³

-
1. Acadêmicas do curso de Medicina do Instituto Metropolitano de Ensino Superior/IMES - Univaço, Ipatinga, Minas Gerais, Brasil.
 2. Docente do curso de Medicina do Instituto Metropolitano de Ensino Superior/IMES – Univaço, Ipatinga, Minas Gerais, Brasil. Coorientadora do TCC
 3. Docente do curso de Medicina do Instituto Metropolitano de Ensino Superior/IMES – Univaço, Ipatinga, Minas Gerais, Brasil. Orientadora do TCC.

RESUMO

Introdução: a automedicação é uma prática caracterizada pelo uso de fármacos sem a indicação de profissionais da saúde. É um grande problema de saúde pública, especialmente entre os idosos, onde o aumento da idade, em geral, está diretamente relacionado a um maior consumo de medicamentos.

Objetivo: investigar o perfil da automedicação em idosos do Movimento da Terceira Idade do município de Ipatinga – MG. **Método:** estudo observacional, descritivo, com delineamento transversal. Por meio de entrevista foi avaliada a prática da automedicação, aspectos relativos aos medicamentos utilizados e dados para caracterização social. **Resultados:** a amostra foi constituída de 86 idosos com a idade média de 68 anos (DP= 6), predominando a faixa etária de 60 a 69 anos (66,3%) e 82,6% do sexo feminino. 73,3% dos entrevistados relataram já ter comprado algum medicamento sem receita, os mais citados foram os anti-inflamatórios/analgésicos (41,9%), seguido pelos relaxantes musculares (11,6%) e vitaminas/minerais (9,3%). Os motivos mais frequentes relatados pelos idosos que compraram medicamento sem receita foram “já usei outras vezes e resolveu meu problema” (56,1%), “fui orientado na farmácia” (15,1%) e “o medicamento foi bom para um parente e/ou amigo” (15,1%). Dentre os idosos com faixa etária de 60 a 69 anos, 84,2% relataram adquirir medicamento sem receita, enquanto que entre aqueles de 70 a 79 anos este percentual foi de apenas 48%. **Conclusão:** existe uma grande prevalência da automedicação entre idosos, sendo os anti-inflamatórios/analgésicos, seguidos pelos relaxantes musculares os mais utilizados. A automedicação não é isenta de riscos à saúde e essa prática é motivo de preocupação, sendo assim é necessário instruir a população a procurar um profissional de saúde.

Palavras-Chave: Automedicação. Idosos. Medicamento.

Introdução

A automedicação é um hábito caracterizado pela decisão do doente ou de seu responsável em utilizar um medicamento para manutenção da saúde, prevenção de moléstias, tratamento de enfermidades ou de sintomas percebidos pelas pessoas, sem a prescrição ou supervisão de um profissional de saúde (SÁ; BARROS; SÁ, 2007; NAVES

et al., 2010; OLIVEIRA et al., 2012). Fatores como os hábitos de consumo, a familiaridade com os medicamentos, a veiculação de propagandas de medicamentos vendidos sem prescrição na mídia, a presença da farmacinha caseira nos domicílios, a crença de que os medicamentos resolvem tudo e o difícil acesso aos serviços de saúde, bem como suas percepções e condutas frente aos medicamentos, são fenômenos que contribuem para a automedicação (NAVES et al., 2010; OLIVEIRA et al., 2012).

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), mais de 50% de todos os medicamentos são incorretamente prescritos, dispensados e vendidos, e metade dos pacientes os utilizam de maneira errada (DOMINGUES et al., 2015). Além disso o país ocupava, em 2011, a quinta posição no consumo mundial de fármacos sem prescrição e o primeiro lugar na América Latina (SOUZA et al., 2011).

Conforme pesquisa da Associação Brasileira de Indústrias Farmacêuticas (Abifarm), aproximadamente 80 milhões de pessoas eram adeptas à automedicação em 1997, sendo que 20 mil morriam por ano vítimas desta prática (SILVA et al., 2012).

Aquino, Barros e Silva (2010), em um estudo realizado em Recife, mostraram que 35% dos medicamentos eram usados por meio de automedicação.

Para Mendes et al. (2015), o uso inadequado de medicamentos é responsável por importantes gastos com saúde em todo o mundo, o que justifica a realização de estudos voltados para seu consumo, denominados Estudos da Utilização de Medicamentos (EUM), cujo importante enfoque é a automedicação.

Mendes et al. (2015) mostram que no Brasil a faixa de 20 a 50 anos de idade é a maior praticante de automedicação, independentemente do sexo e de condições econômicas. Rozenfeld (2003) aponta uma prevalência de 18% de automedicação entre idosos e 40% entre jovens.

Estudos realizados no Brasil e no mundo mostram que o aumento da idade está relacionado com um maior consumo de medicamentos (FLORES; MENGUE, 2005; LOYOLA FILHO; UCHOA; LIMA-COSTA, 2006; JUNIUS-WALKER; THEILE; HUMMERS, 2007; RIBEIRO et al., 2008).

O uso de medicamentos por idosos muitas vezes correlaciona-se à maior ocorrência de doenças crônicas não transmissíveis (DCNTs) nessa faixa etária. Estudo farmacoepidemiológico realizado em cidades brasileiras mostra que a prevalência de uso de medicamentos por idosos tem variado entre 70-92%, com média de utilização entre dois e cinco medicamentos por pessoa (ELY et al., 2015). Em adição Neves et al. (2013) evidenciam uma prevalência de uso de medicamentos entre idosos de 85,5%.

O uso de vários medicamentos simultaneamente pode ser benéfico no tratamento de múltiplas doenças, mas aumenta também o risco de ocorrência de reações adversas e torna a manutenção da terapia mais difícil (ELY et al., 2015).

Importante salientar que relatórios estatísticos do IBGE mostram que a expectativa de vida dos brasileiros é de 75,5 anos, e a mortalidade na infância (< 5 anos de idade) declinou de 35,5/1.000 nascidos vivos no ano 2000, para 16,1/1.000 nascidos vivos no ano de 2015, apontando para um incremento na população de idosos (BRASIL, 2016).

Neste contexto a automedicação nos idosos torna-se uma questão social muito grave, pois, estes se encontram numa fase onde relatam muitas dores, o que pode levá-los a automedicarem-se. Existem muitos medicamentos de fácil obtenção, possibilitando que estes estejam disponíveis nas casas. Assim, isso permite que as pessoas usem indiscriminadamente tais medicamentos quando os têm próximo, sem conhecerem as consequências dessa prática (LUZ; LIMA; MONTEIRO, 2013).

Pode-se observar que para idosos muitas vezes a automedicação é vista como algo simples. Visto isso, é importante auxiliá-los quando possível. Tal auxílio pode ser feito por atuantes na área da saúde, o que pode prevenir a irracionalidade no uso de medicamentos e detectar agravos de saúde que requerem um profissional mais especializado para avaliar o paciente (CASCAES; FALCHETTI; GALATO, 2008).

Marin et al. (2008) alertam para o perigo da prática da automedicação, pois os medicamentos, embora necessários em muitas ocasiões, quando mal utilizados podem desencadear complicações sérias para a saúde.

Em vista disso, o objetivo deste estudo foi investigar o perfil da automedicação em idosos do Movimento da Terceira Idade do município de Ipatinga – MG e assim, poder contribuir com esclarecimentos sobre o tema.

Métodos

Trata-se de um estudo observacional, descritivo, com delineamento transversal, realizado no Movimento da Terceira Idade - MOTI, na cidade de Ipatinga – MG, onde 600 idosos filiados desenvolvem atividades esportivas. O cálculo amostral se baseou no estudo de Rosenfeld (2003), que aponta uma prevalência de 18% da automedicação em idosos, sendo estimada uma amostra de 86 idosos. Foram incluídos no estudo idosos de ambos os sexos, com 60 anos ou mais, e excluídos da pesquisa aqueles que se recusaram a responder todas as perguntas do formulário.

Nas dependências do MOTI, os idosos receberam esclarecimentos acerca dos detalhes da pesquisa. Para os que aceitaram participar, foi solicitado o preenchimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), elaborado em duas vias, ficando uma para o entrevistado e outra para a pesquisadora. A coleta de dados foi realizada por meio de uma entrevista individual com os participantes no dia e local do encontro dos grupos. Para a coleta dos dados foi utilizado um formulário semiestruturado elaborado pelas pesquisadoras contendo questões relacionadas aos dados pessoais, características socioeconômicas, hábitos de vida, medicamentos em uso, patologias referidas e situações em que a automedicação era adotada.

A análise dos dados contidos nos formulários foi realizada por meio do programa SPSS versão 20. Posteriormente, foram avaliadas as frequências das variáveis quantitativas e todas as possíveis associações – idade, gênero, escolaridade, entre outras – a partir de digitação múltipla e independente tendo como desfecho a avaliação do perfil da automedicação dos idosos do MOTI. Foi utilizado o teste de associação do qui-quadrado para as variáveis categóricas, com intervalo de confiança de 95%.

O presente estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do UNILESTE /MG, protocolo nº 1.227.442.

Resultados

A prevalência de automedicação entre os idosos do Movimento da Terceira Idade - MOTI, na cidade de Ipatinga – MG foi de 73,3%.

A amostra foi composta por 86 idosos com idade média de 68 anos (± 6), predominantemente da faixa etária de 60 a 69 anos (66,3%) e predomínio de mulheres

(82,6%). Outras variáveis analisadas estão descritas na Tabela 1.

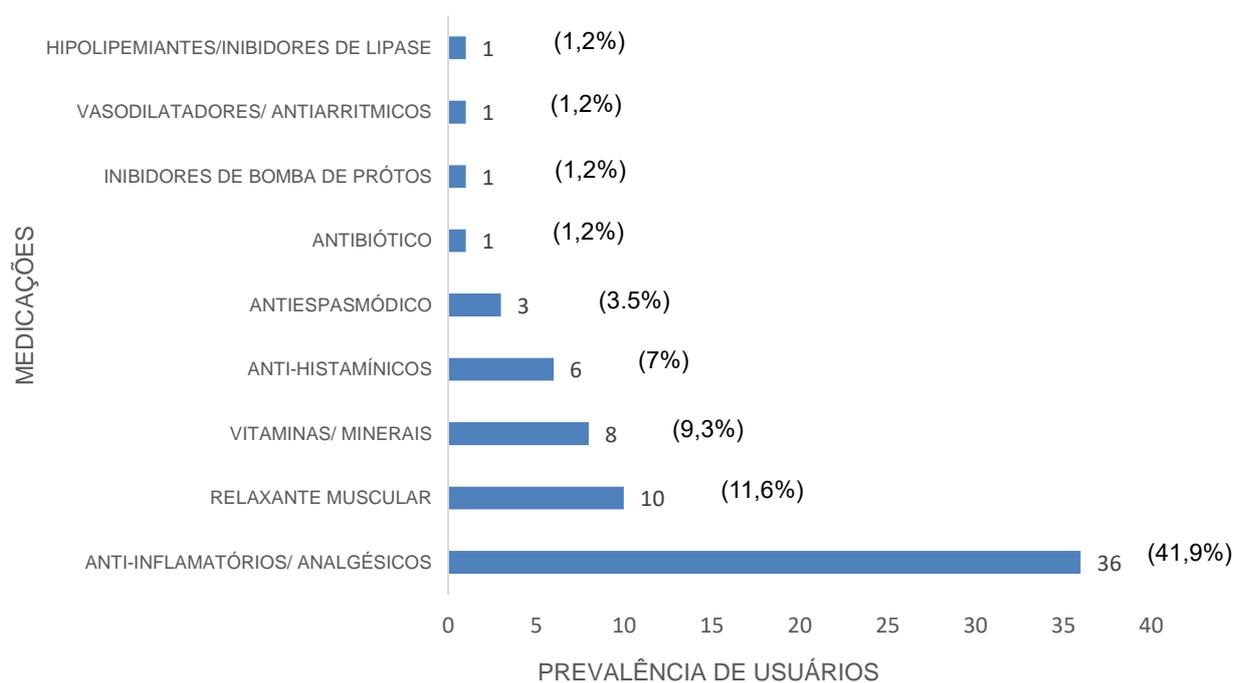
TABELA 1 - Perfil sociodemográfico e hábitos de vida dos idosos de Ipatinga – MG, n=86.

VARIÁVEL	PREVALÊNCIA	
Idade		
60 a 69 anos	57	(66,3%)
70 a 79 anos	25	(29,1%)
80 a 89 anos	4	(4,7%)
Gênero		
Feminino	71	(82,6%)
Masculino	15	(17,4%)
Estado Civil		
Solteiro	5	(5,8%)
Viúvo	20	(23,3%)
Separado/Divorciado	9	(10,5%)
Casado/Mora com companheiro	52	(60,5%)
Escolaridade		
Não estudou	14	(16,3%)
1ª à 4ª série	48	(55,8%)
5ª à 8ª série	17	(19,8%)
Ensino médio incompleto	2	(2,3%)
Ensino médio completo	2	(2,3%)
Ensino superior completo	1	(1,2%)
Pós-graduação	2	(2,3%)
Número de pessoas com quem reside		
1	12	(14%)
2	41	(47,7%)
3-4	30	(34,9%)
5-6	3	(3,5%)
Acompanhantes com quem residem		
Nenhum	12	(14%)
Esposa/Marido/Companheiro (a)	54	(62,8%)
Pai/Mãe	2	(2,3%)
Filhos	31	(36%)
Irmãos	3	(3,5%)
Netos	17	(19,8%)
Cuidador	0	(0%)
Animal de estimação	15	(17,4%)
Outros parentes/Amigos	0	(0%)

Tabagista	0	(0%)
Etilista	5	(5,8%)

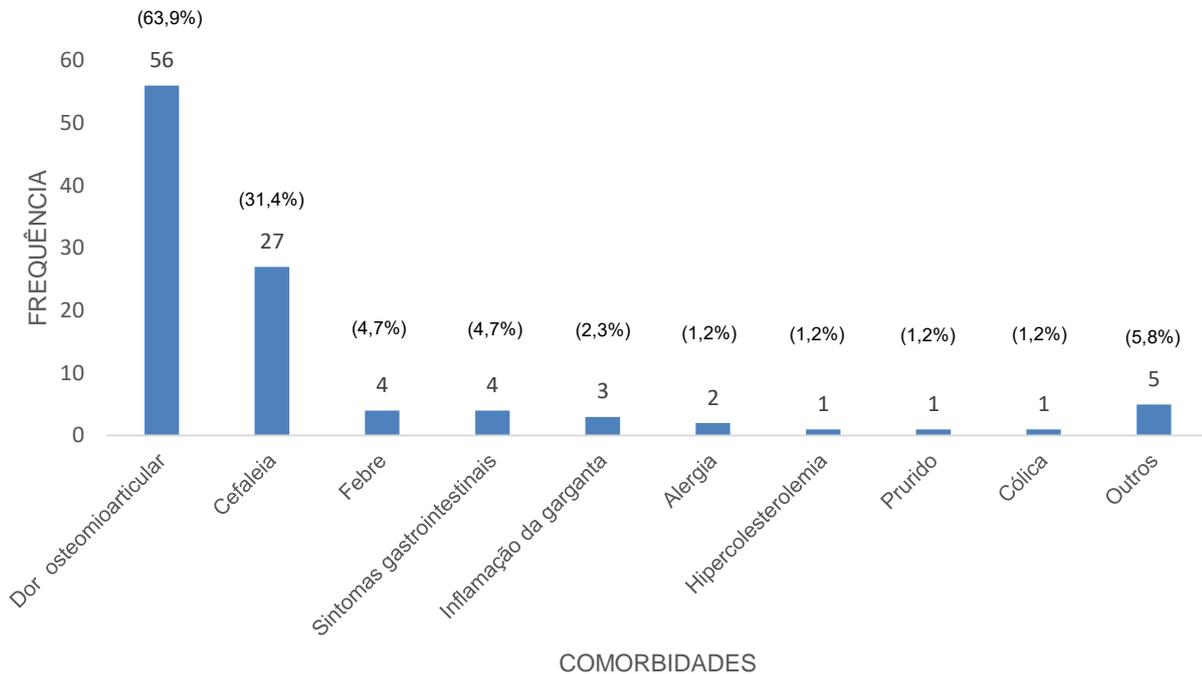
Em relação à compra de medicamentos sem prescrição (Gráfico 1), a maioria dos idosos relatou já ter comprado algum medicamento sem receita (73,3%), dentre eles, os mais citados foram os anti-inflamatórios/analgésicos (41,9%), seguido pelos relaxantes musculares (11,6%) e vitaminas/minerais (9,3%).

GRÁFICO 1 – Classes de medicamentos comprados sem prescrição médica pelos idosos, n=86.



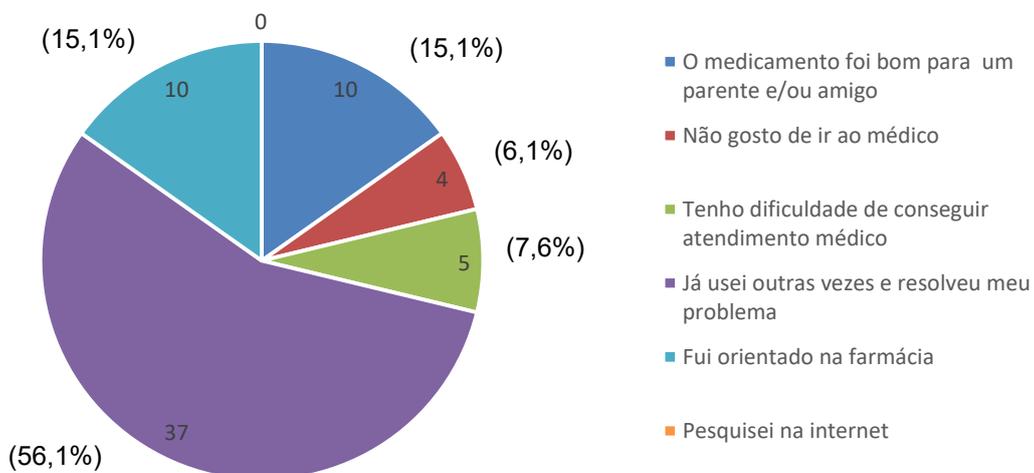
As comorbidades relatadas para o uso dessas medicações sem receita foram diversas, tanto de forma isolada como conjuntas, sendo em sua maioria a dor osteomioarticular (63,9%), cefaleia (31,4%) seguida pela febre (4,7%) (Gráfico 2).

GRÁFICO 2 - Comorbidades relatadas pelos idosos para o uso da medicação comprada sem receita, n=86.



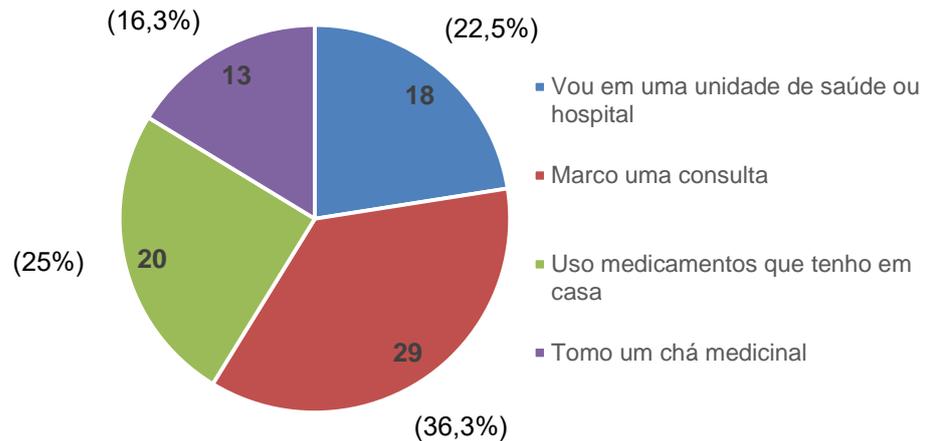
Os principais motivos relatados pelos idosos que compraram medicamento sem receita foram “Já usei outras vezes e resolveu meu problema” (56,1%), “Fui orientado na farmácia” (15,1%) e “O medicamento foi bom para um parente e/ou amigo” (15,1%), como demonstrado no Gráfico 3.

GRÁFICO 3 - Motivos relatados pelos idosos que compraram medicamento sem receita, n=66.



Ao serem questionados sobre o que fazem primeiro ao ter um problema de saúde, os idosos relataram principalmente “marco uma consulta” (36,3%), seguido por “uso medicamento que tenho em casa” (25%) e “vou em uma unidade de saúde ou hospital” (22,5%), como apresentado no Gráfico 4.

GRÁFICO 4 - O que os idosos fazem primeiro ao terem um problema de saúde, n=80.



Os idosos não possuem uma forma única de adquirir suas medicações, onde, muitos relataram utilizar simultaneamente o sistema privado e o SUS, sendo o SUS relatado por 59,3% (n=51) e pelo sistema privado por 51,2% (n=44).

Ao verificar a associação dos fatores individuais com a prática de aquisição de medicamentos sem receita foi encontrada significância com a faixa etária ($p=0,03$) e o fato de não ter diabetes ($p=0,02$). Dentre os idosos com faixa etária de 60 a 69 anos, 84,2% relataram adquirir medicamentos sem receita, enquanto que entre aqueles de 70 a 79 anos este percentual foi de apenas 48%. Entre os idosos com diabetes, apenas 50% relataram adquirir medicamentos sem receita. Já entre os não apresentam esta patologia, este percentual foi de 79,4% (Tabela 2).

Tabela 2 – Associação entre os dados sócio-demográficos e comorbidades com a compra de medicamentos sem receita.

VARIÁVEIS	COMPROU MEDICAMENTO SEM RECEITA		VALOR-P
	SIM	NÃO	
Faixa etária			0,03*
60 a 69 anos	48 (84,2%)	9 (15,8%)	
70 a 79 anos	12 (48%)	13 (52%)	
80 a 89 anos	3 (75%)	1 (25%)	
Gênero			0,17
Masculino	9 (60%)	6 (40%)	
Feminino	54 (76,1%)	17 (23,9%)	
Doença Crônica			0,11
SIM	52 (70,3%)	22 (29,7%)	
NÃO	11 (91,7%)	1 (8,3%)	
Hipertensão			0,88
SIM	40 (72,7%)	15 (27,3%)	
NÃO	23 (25,8%)	8 (74,2%)	
Diabetes			0,02*
SIM	9 (50%)	9 (50%)	
NÃO	54 (79,4%)	14 (20,6%)	
Dislipidemia			0,22
SIM	15 (83,3%)	3 (16,7%)	
NÃO	48 (70,6%)	20 (29,4%)	
Artrose			0,71
SIM	3 (75%)	1 (25%)	
NÃO	60 (73,2%)	22 (26,8%)	
Hipotireoidismo			0,59
SIM	4 (80%)	1 (20%)	
NÃO	59 (72,8%)	22 (27,2%)	

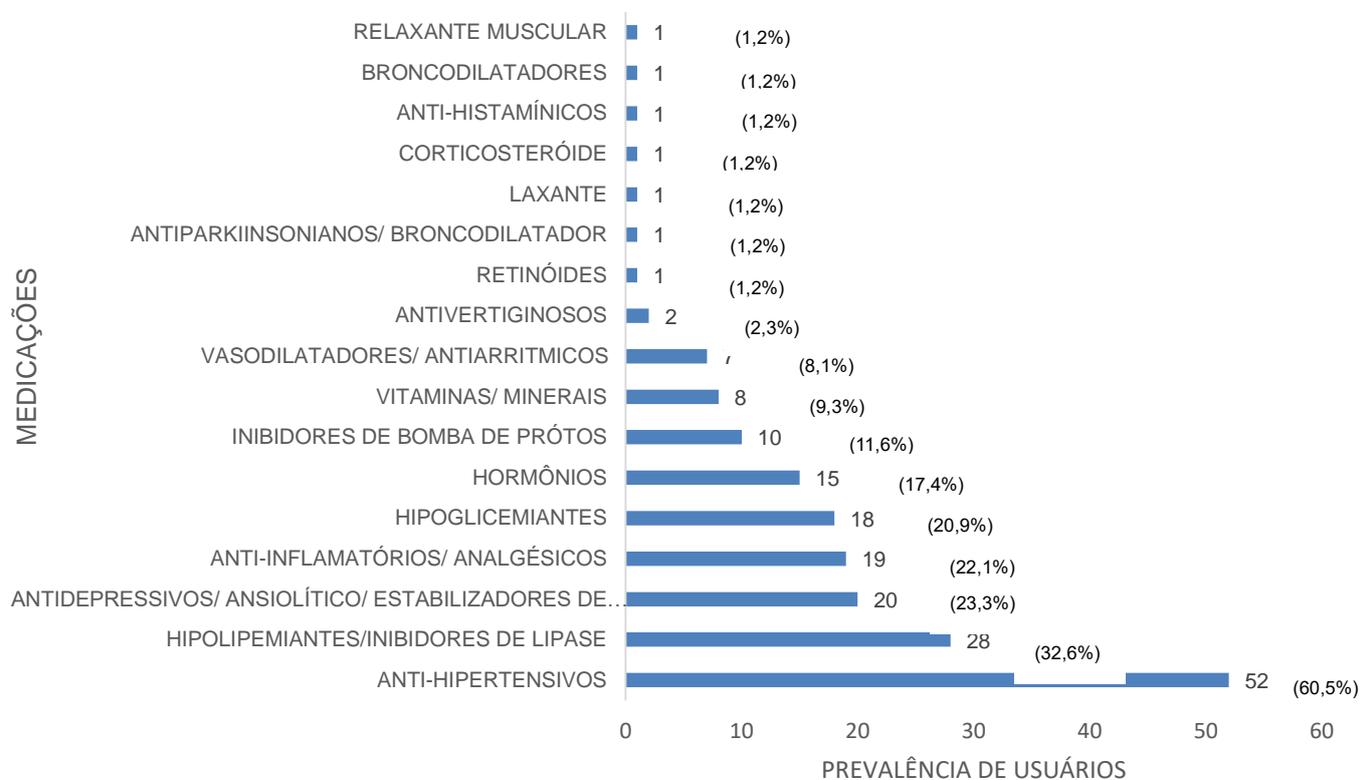
A doença crônica foi predominante entre os idosos entrevistados, sendo relatados por 86% (n=74). A hipertensão arterial foi a mais prevalente (64%), seguida pela diabetes (20,9%) e dislipidemia (20,9%) (Tabela 3).

TABELA 3 . Doenças crônicas relatadas pelos idosos, n=86.

DOENÇA CRÔNICA	PREVALÊNCIA
Hipertensão	55 (64%)
Diabetes	18 (20,9%)
Dislipidemia	18 (20,9%)
Artrose	4 (4,7%)
Hipotireoidismo	5 (5,8%)
Osteoporose	2 (2,3%)
Outros	17 (19,8%)

*Algumas doenças ocorreram em apenas 1 caso e por isso não foram apresentadas

Ao investigar sobre o uso de medicamentos com prescrição (Gráfico 5), a maioria dos entrevistados relatou usar algum medicamento com prescrição médica (93%), dentre eles os mais prevalentes foram os anti-hipertensivos (60,5%), seguido pelos hipolipemiantes/inibidores de lipase (32,6%) e antidepressivos/ansiolíticos/estabilizadores do humor (23,3%).

GRÁFICO 5 - Uso de medicamentos com prescrição médica utilizada pelos idosos, n= 86.

Discussão

A automedicação consiste no emprego de medicamentos para tratar doenças ou sintomas autodiagnosticadas e deve ser entendida como um comportamento de autocuidado. Essa prática aumenta o risco de eventos adversos e de mascaramento de doenças, o que pode retardar o diagnóstico correto. Diante disso, tratamentos mais complexos, invasivos, caros e com recuperação mais lenta podem tornar-se necessários. Inúmeros fatores favorecem o uso irracional de medicamentos, como a venda indiscriminada de medicamentos por farmácias brasileiras, a propaganda de medicamentos de venda livre na mídia, sistema de saúde insatisfatório que não atende as necessidades da população em geral, custo elevado dos planos privados de saúde e das consultas particulares (SCHIMID; BERNAL; SILVA, 2012).

De acordo com Paim et al. (2016), a faixa etária de destaque para a automedicação é a dos idosos. O Censo Populacional de 2010 aponta que os idosos correspondem a 12% da população brasileira. Nessa idade, a prevalência de patologias crônicas faz deles grandes usuários de serviços de saúde, gerando um complicado regime medicamentoso, contribuindo com cerca de 25% do total de vendas de medicamentos. Segundo Cuentro et al. (2014), o uso irracional de medicamentos em idosos é um importante problema de saúde pública na medida que expõe os mesmos aos riscos potenciais dos medicamentos.

No presente estudo, a amostra caracterizou-se por uma maior prevalência de mulheres (82,6%), o que corrobora com outras pesquisas acerca de automedicação em idosos, como relatado por Telles Filho et al. (2013) e Galhardo e Assunção (2013). Tal ocorrência pode ser justificada pela maior expectativa de vida brasileira no sexo feminino, como mencionado também no estudo de Duarte et al. (2012). Entretanto, visto que a pesquisa foi realizada em um centro esportivo para idosos, esse dado pode ter sido decorrente da maior prática de atividade física nessa faixa etária por mulheres. Cavalli et al. (2014) mencionam em seu estudo a menor resistência de mulheres à realização de exercícios físicos e correlacionam esse fato a maior longevidade de pessoas desse sexo. Entretanto, Duarte et al. (2012) alertam que as mulheres constituem o grupo social que mais utiliza medicamentos, tornando-as mais suscetíveis às reações adversas relacionados a medicamentos devido à prática de automedicação.

Santos et al. (2014) observaram a redução da prática da atividade física com o aumento da idade, possivelmente por fatores psicológicos e biológicos do envelhecimento. Essa reflexão pode justificar a faixa etária predominante do presente

estudo ser de 60 a 69 anos (66,3%).

Um fator positivo observado foi a baixa taxa de etilismo (5,8%) e ausência de tabagistas, pois ambos são fatores de riscos para doenças cardiovasculares e tornam os idosos ainda mais susceptíveis à interações medicamentosas.

Alguns estudos evidenciam que a prática da automedicação está relacionada a uma maior grau de escolaridade (VOSGERAU; SOARES; SOUZA, 2008; GIROTO; MATOS; OLIVEIRA, 2010). Entretanto, observou-se que esta prática foi mais frequente em idosos que apresentaram o ensino fundamental, ou seja, menor grau de escolaridade e, isto pode ser explicado pela menor conscientização acerca dos riscos que a automedicação pode trazer, principalmente a esta faixa etária, além da dificuldade de acesso aos serviços de saúde. A baixa escolaridade da população pesquisada pode ter contribuído para alterar a prevalência de automedicação nos idosos estudados, visto que 96,5% dos entrevistados não realizaram ensino superior ou pós-graduação.

A automedicação é prática comum entre os idosos estudados, em que 73,3% relataram em algum momento da vida ter adquirido algum medicamento sem receita.

Este resultado vai ao encontro dos dados obtidos por Cascaes, Falchetti e Galato (2008), que ao realizarem uma pesquisa em um grupo de terceira idade verificaram que 80,5% dos idosos se automedicavam, principalmente pela praticidade e na presença de sintomas considerados simples, como no caso de gripe, e que 55,9% das automedicações eram por orientações de amigos, vizinhos ou familiares. Também Monteiro et al. (2014) apresentaram porcentagem de 67% de automedicação.

Dentre os medicamentos utilizados sem prescrição, os mais citados pelos idosos foram os anti-inflamatórios/analgésicos (41,9%), seguido pelos relaxantes musculares (11,6%) e vitaminas/minerais (9,3%). Essas classes também são citadas por diversos autores como as principais entre os medicamentos consumidos sem prescrição por idosos, como Monteiro et al. (2014) e Arrais et al. (2016).

O elevado uso de analgésicos é reflexo da alta prevalência de dor resultado de processos inflamatórios e degenerativos presentes em doenças crônicas frequentes nessa faixa etária. Esse fato justifica as principais comorbidades relatadas para o uso dessas medicações sem receita, visto que são dor osteomioarticular (63,9%) e “dor de cabeça” (31,4%). Outros trabalhos realizados sobre automedicação justificam o maior emprego dessa classe de medicamentos pelo fato de serem adquiridos sob a forma de venda livre (ARRAIS et al., 1997; LOYOLA FILHO et al., 2002).

Um estudo realizado na Colômbia revelou que a prevalência de cefaleia por uso demasiado de analgésicos foi de 4,8%. Os anti-inflamatórios não esteroidais (AINES) são considerados muito atraentes pelo fato de terem várias aplicações, como analgésica, antipirética e anti-inflamatória (RUEDA-SANCHEZ, 2013). A propaganda da indústria farmacêutica veiculada na mídia em geral beneficia e influencia esse consumo (NAVES et al., 2010).

Outro dado observado foi que os idosos adotam a prática do uso de chás medicinais ao apresentarem um problema de saúde. No estudo de Cascaes, Falchetti e Galato (2008) verificou-se que a opção mais adotada pelos entrevistados foi o uso das plantas medicinais (55,4%). Resultados parecidos foram alcançados no trabalho de Flores e Mengue (2005) onde foi observado que 56% dos idosos que usavam medicamentos usavam chás simultaneamente.

Em geral, pode-se observar que um elevado número de idosos fazem uso de fitoterápicos e plantas medicinais. Isso pode ser justificado pelo fato de acreditarem que tal terapia, por ser natural, é isenta de riscos, incluindo efeitos colaterais e interações medicamentosas. Sendo assim, esses medicamentos estão entre as primeiras alternativas na terceira idade. Vale ressaltar que, além dos riscos, cada planta tem uma maneira diferente de ser utilizada, variando de acordo com o tipo e o segmento físico do vegetal que contém o fármaco (CASCAES; FALCHETTI; GALATO, 2008; LIMA et al., 2012). De acordo com Silva et al. (2012), pelo fato de os fármacos fitoterápicos serem de comércio livre, caberia ao farmacêutico a função de orientar os pacientes acerca da automedicação racional.

Ao serem interrogados sobre a primeira ação ao terem um problema de saúde, 36,3% dos entrevistados relataram marcar uma consulta, 25% usam medicamentos que tem em casa e 22,5% procuram uma unidade de saúde ou hospital.

O fato de morar sozinho apresentou uma forte correlação com a automedicação, Este dado também foi observado no estudo de Duarte et al. (2012), embora a população de idosos ter sido uma minoria.

A terceira idade é uma fase da vida com maior propensão para o desenvolvimento de doenças crônicas não transmissíveis (DCNTs). Foi observada alta prevalência de DCNTs, sendo a hipertensão arterial a principal (64%), seguida de diabetes (20,9%) e dislipidemia (20,9%). Esse dado é concordante com um estudo realizado na cidade de Tubarão (SC) em que foi evidenciado um grande número de problemas de saúde, principalmente aqueles relacionados ao sistema cardiovascular, nervoso,

musculoesquelético e do trato alimentar e metabolismo (CASCAES; FALCHETTI; GALATO, 2008). No estudo de Cuentro et al. (2014), os medicamentos utilizados para problemas do sistema cardiovascular foram os mais prescritos (37%). Isso reflete a alta prevalência de doenças cardiovasculares, que vêm liderando as causas de morbimortalidade, entre a população idosa, com atenção especial para hipertensão arterial sistêmica (HAS), que tem atingindo 50% dos indivíduos com mais de 65 anos, além das alterações cardíacas próprias do envelhecimento. Dado semelhante foi encontrado por Duarte et al. (2012), onde, o consumo frequente de medicamentos de ação no sistema cardiovascular, também foi predominante entre os idosos, sendo coerente com a prevalência de doenças cardíacas nesta faixa etária.

O alto índice de doenças crônicas acaba levando ao aumento no número de medicamentos utilizados pelos idosos. Esse fato pode justificar a alta prevalência de uso de medicamento prescrito pelos entrevistados (93%), visto que as classes mais citadas foram os anti-hipertensivos (60,5%), seguido pelos hipolipemiantes/inibidores de lipase (32%). Esse resultado é similar ao encontrado por Neves et al. (2013) e Ribas e Oliveira (2014).

Na população estudada, a principal justificativa para a utilização de medicamentos sem prescrição foi experiência anterior positiva com o medicamento (56,1%) e este fato é consoante com o estudo realizado por Monteiro et al. (2014). Desta forma, é provável que os resultados satisfatórios com a utilização prévia de medicamentos, sejam entendidos como uma razão para a sua prática sem agravos à saúde, o que não condiz com a verdade. Isso se deve ao fato de que, boa parte da população idosa faz uso concomitante de medicamentos sem prescrição com outros prescritos, o que requer avaliação dos riscos à saúde, especialmente no que se refere às intoxicações e interações medicamentosas.

Conclusão

Os resultados deste estudo mostram que os medicamentos mais empregados sem orientação de um profissional da saúde são os analgésicos e anti-inflamatórios. O alto consumo destas drogas reflete a elevada prevalência de queixas algícas na população idosa e, tal fato pode ser devido ao estresse, tensão ou demanda física, que afetam negativamente a qualidade de vida destas pessoas.

A falta de informação acerca de indicações, contraindicações e possíveis efeitos

adversos, incluindo as complicações decorrentes das interações medicamentosas, são fatores predisponentes à prática da automedicação. Sendo assim, é importante que estratégias de promoção ao uso racional de medicamentos sejam adotadas, como orientações durante a prescrição, na tentativa de conscientizar a população sobre as possíveis consequências negativas desta prática.

A maior prevalência de doenças crônicas na terceira idade tornam os idosos grandes consumidores de medicamentos. Como a automedicação não é isenta de riscos à saúde, principalmente dos idosos, essa prática é motivo de preocupação.

Agradecimentos

Aos voluntários da pesquisa e funcionários do Movimento da Terceira Idade – MOTI da cidade de Ipatinga.

SELF-MEDICATION PROFILE IN A GROUP OF THIRD AGE PEOPLE IN IPATINGA – MINAS GERAIS

ABSTRACT

Introduction: self-medication is a practice characterized by the use of drugs without the indication of health professionals. It is a major public health problem, especially among the elderly, where increasing age, in general, is directly related to increased consumption of medications. **Aim:** to investigate the self-medication profile in a group of third age in the Elderly Movement of Ipatinga - MG. **Method:** observational, descriptive study, with a cross-sectional design. Through the interview, we evaluated the practice of self-medication, aspects related to the medications used and data for social characterization. **Results:** the sample consisted of 86 older adults with a mean age of 68 years (SD = 6), predominantly the age group of 60 to 69 years (66.3%), 82.6% female. 73.3% of the interviewees reported having already bought some medication without a prescription, being anti-inflammatories/analgesics (41.9%) the most cited, followed by muscle relaxants (11.6%) and vitamins/minerals (9.3 %). The most frequent reasons to buy medication without prescription were: "I had used it before and solved my problem" (56.1%), "I had a pharmaceutical indication" (15.1%) and "the medicine was good for a relative and / or friend "(15.1%). Among the elderly with 60 to 69 years of age, 84.2% reported purchasing medication without a prescription, while among those aged 70 to 79 this percentage was only 48%. **Conclusion:** there is a high prevalence of self-medication in the elderly, being the anti-inflammatory/analgesic, followed by the muscle relaxants most used. Self-medication is not free of health risks, and this practice is cause for concern, so it is necessary to instruct the population to seek a health professional.

Keywords: Self-medication. Elderly. Polypharmacy.

Referências

AQUINO, D. S.; BARROS, J. A. C.; SILVA, M. D. P. A automedicação e os acadêmicos da área de saúde. **Ciência Saúde Coletiva**, v. 15, n. 5, pp. 2533-2538, 2010.

ARRAIS, P. S. D. et al. Perfil da automedicação no Brasil. **Revista de Saúde Pública**, v.31, n.1, p.71-77, 1997.

ARRAIS, P. S. D. et al. Prevalência da automedicação no Brasil e fatores associados. **Revista de Saúde Pública**, v. 50, supl. 2, p. 1-13, 2016.

BRASIL, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística Pesquisa (IBGE). **Tábua completa de mortalidade para o Brasil – 2015. Breve análise da evolução da mortalidade no Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE; 2016.

CASCAES, E. A.; FALCHETTI, M. L.; GALATO, D. Perfil da automedicação em idosos participantes de grupos da terceira idade de uma cidade do sul do Brasil. **Arquivo Catarinense de Medicina**, v. 37, n. 1, p. 63-39, 2008.

CAVALLI, A. S. et al. Motivação de pessoas idosas para a prática de atividade física: estudo comparativo entre dois programas universitários–Brasil e Portugal. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 17, n. 2, p. 255-264, 2014.

CUENTRO, V. S. et al. Prescrições medicamentosas de pacientes atendidos no ambulatório de geriatria de um hospital universitário: estudo transversal descritivo. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 19, n. 8, p.3355-3364, 2014.

DOMINGUES, P. H. F. et al. Prevalence of selfmedication in the adult population of Brazil: a systematic review. **Revista de Saúde Pública**, v. 49, n. 36, p. 1-8, 2015.

DUARTE, L. R. et al. Hábitos de consumo de medicamentos entre idosos usuários do SUS e de plano de saúde. **Cadernos Saúde Coletiva**, v. 20, n. 1, p. 64-71, 2012.

ELY, L. S. et al. Uso de anti-inflamatórios e analgésicos por uma população de idosos atendida na Estratégia Saúde da Família. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 18, n. 3, p. 475-485, 2015.

FLORES, L. M.; MENGUE, S. S. Uso de medicamentos por idosos em região do sul do Brasil. **Revista de Saúde Pública**, v.39, n.6, p.924-929, 2005.

GALHARDO, V. A. C.; ASSUNÇÃO, T. P. Automedicação em idosos que frequentam um centro de convivência para o idoso. **Revista Geriatria e Gerontologia**, v. 7, n. 2, p. 108-112, 2013.

GIROTO, E.; MATOS, D. B. S; OLIVEIRA, J. M. Perfil da automedicação em população residente de Arapongas, Paraná. **Espaço Saúde**, v. 11, n. 2, p. 29-38, 2010.

JUNIUS-WALKER, U.; THEILE, G.; HUMMERS-PRADIER, E. Prevalence and predictors of polypharmacy among older primary care patients in Germany. **Family Practice**, v. 24, n. 1, p. 14-19, 2007.

LIMA, S. C. S. et al. As representações e usos de plantas medicinais em homens idosos no cotidiano. **Revista Latino-Americana Enfermagem**, v.20, n.4, p. 1-8, 2012.

LOYOLA FILHO, A. I. et al. Prevalência e fatores associados à automedicação: resultados do projeto Bambuí. **Revista de Saúde Pública**, v. 36, n. 1, p. 55-62, 2002.

LOYOLA FILHO, A. I.; UCHOA, E.; LIMA-COSTA, M. F. Estudo epidemiológico de base populacional sobre uso de medicamentos entre idosos na Região Metropolitana de Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 22, n. 12, p. 2657-2667, 2006.

LUZ, D.; LIMA, J.; MONTEIRO, L. **Automedicação no idoso**. 2013. 66 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Enfermagem) - Escola Superior de Saúde Curso de Enfermagem, Universidade do Mindelo, Mindelo, 2013.

MARIN, M. J. S. et al . Caracterização do uso de medicamentos entre idosos de uma unidade do Programa Saúde da Família. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 24, n. 7, p. 1545-1555, 2008.

MENDES, C. M. M. et al. Perfil socioeconômico da automedicação em Teresina. **Revista Interdisciplinar**, v. 7, n. 4, p. 115-123, 2015.

MONTEIRO, S. C. M.; DE AZEVEDO, L. S.; BELFORT, I. K. P. Automedicação em idosos de um programa saúde da família, Brasil. **Infarma-Ciências Farmacêuticas**, v. 26, n. 2, p. 90-95, 2014.

NAVES, J. O. S. et al. Automedicação: uma abordagem qualitativa de suas motivações. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 15, supl. 1, p. 1751-1762, 2010.

NEVES, S. J. F. et al. Epidemiologia do uso de medicamentos entre idosos em área urbana do Nordeste do Brasil. **Revista de Saúde Pública**, v. 47, n. 4, p. 759-768, 2013.

OLIVEIRA, M. A. et al. Automedicação em idosos residentes em Campinas, São Paulo, Brasil: prevalência e fatores associados. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 28, n. 2, p. 335-345, 2012.

PAIM, R. S. P. et al. Automedicação: uma síntese das publicações nacionais. **Revista Contexto & Saúde**, v. 16, n. 30, p. 47-54, 2016.

RIBAS, C.; OLIVEIRA, K. R. Perfil dos medicamentos prescritos para idosos em uma Unidade Básica de Saúde do município de Ijuí-RS. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 17, n. 1, p. 99-114, 2014.

RIBEIRO, A. Q. et al. Inquérito sobre uso de medicamentos por idosos aposentados, Belo Horizonte, MG. **Revista de Saúde Pública**, v. 42, n. 4, p. 724-732, 2008.

ROZENFELD, S. Prevalência, fatores associados e mau uso de medicamentos entre os idosos: uma revisão. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 19, n. 3, p. 717-724, 2003.

RUEDA-SANCHEZ, M. Cefalea por uso excesivo de analgésicos en Bucaramanga, Colombia: prevalencia y factores asociados. **Acta Neurologica Colombia**, v. 29, n. 1, p. 20-6, 2013.

SA, M. B.; BARROS, J. A. C.; SA, M. P. B. O. Automedicação em idosos na cidade de Salgueiro-PE. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 10, n. 1, p. 75-85, 2007.

SANTOS, A. S. et al. Atividade física, álcool e tabaco entre idosos. **Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social**, v. 2, n. 1, p. 6-13, 2014.

SCHMID, B.; BERNAL, R.; SILVA, N. N. Automedicação em adultos de baixa renda no município de São Paulo. **Revista de Saúde Pública**, v. 44, n. 6, p. 1039-1045, 2010.

SILVA, R. C. G. et al. Automedicação em acadêmicos do curso de medicina. **Medicina**, v. 45, n. 1, p. 5-11, 2012.

SOUZA, L. A. F. et al. Prevalência e caracterização da prática de automedicação para alívio da dor entre estudantes universitários de enfermagem. **Revista Latino-americana de Enfermagem**, v. 19, n. 2, p. 245-251, 2011.

TELLES FILHO, P. C. P.; ALMEIDA, Á. G. P.; PINHEIRO, M. L. P. Automedicação em idosos: um problema de saúde pública [Self-medication in the elderly: a public health problem] [Automedicación en ancianos: un problema de salud pública]. **Revista Enfermagem UERJ**, v. 21, n. 2, p. 197-201, 2013.

VOSGERAU, M. Z. S.; SOARES, D. A.; SOUZA, R. K. T. Automedicação entre adultos na área de abrangência de uma Unidade de Saúde da Família. **Latin American Journal of Pharmacy**, v. 27, n. 6, p. 831-8, 2008.